



Plantas que curam

Walterly Accorsi falou sobre o uso da fitoterapia em casos de câncer

MARCELO ROCHA

Da Gazeta de Piracicaba

marcelo.rocha@gazetadepiracicaba.com.br

No último sábado, dia 11, a farmacêutica especializada em fitoterapia Walterly Accorsi ministrou a palestra Câncer Feminino: Desafio e Novos Recursos à Base de Plantas Medicinais. O evento foi realizado no anfiteatro do Departamento de Química da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP).

A palestra foi promovida pelo Grupo de Estudos Walter Accorsi (GeWA), do Departamento de Ciências Biológicas da Esalq. E o objetivo do encontro foi o de divulgar “a terapia complementar à base de plantas medicinais no tratamento de cânceres”.

“As pessoas têm direito de saber que é possível haver esse tratamento complementar com plantas medicinais”, diz Walterly Accorsi. A palestrante, que é filha do renomado professor Walter Radamés Accorsi (1912/2006) - que mergulhou no estudo da fitoterapia - não entende o preconceito que paira sobre as plantas medicinais. “Como é possível ter esse preconceito, se a maior parte das medicações oncológicas são pré-sínteses de plantas?”, questiona.

De acordo com o professor Lindolpho Capellari Jr., coordenador do GeWA, os benefícios da fitoterapia enquanto coadjuvante no tratamento de câncer ainda são desconhecidos. “Nós temos no Brasil a maior diversidade vegetal do planeta, temos muitas plantas que são comprovadamente eficazes no tratamento de câncer. Mas, a gente sente que existe uma corrente do contra



Antonio Trivelin

A farmacêutica Walterly Accorsi e Capellari Jr., o coordenador do GeWA, na palestra sobre plantas medicinais

muito grande. E também falta muita divulgação. Existe uma ignorância nesse sentido, então o papel da universidade é promover essa divulgação”, declara.

“Mas a planta medicinal não substitui a medicina tradicional. De jeito nenhum”, frisa Capellari Jr. Qualquer forma de tratamento complementar necessita a orientação de um profissional das áreas médica ou farmacêutica. “Você não pode pegar uma planta dessas e fazer o uso caseiro, porque muitas delas são extremamente tóxicas”, observa.

Simone Passini G. Araújo, que é paciente de câncer, acompanhou a palestra. Há 10 anos, a piracicabana teve um câncer, que foi tratado com medicações oncológicas e o complemento de plantas medicinais. E, recentemente, foi diagnosticada com um linfoma. “Na primeira vez, porque eu tinha muita náusea (em razão das sessões de quimioterapia,

NÚMERO

2006

ano

Em que faleceu o professor Walter Radamés Accorsi, que se dedicou ao estudo da fitoterapia

realizada ao longo de seis meses), fiz o tratamento com espinheira santa e o extrato de pau d'arco (extraído do ipê roxo). E também fiz um tratamento com babosa, que a gente bate no liquidificador com mel, para segurar o estômago. Acho que ajudou”, relata. “Agora, para esse linfoma eu ainda não sei qual será o procedimento. Mas eu vim aqui buscar orientação”, acrescenta.

ORIENTAÇÃO

A farmacêutica Carla Accorsi conta que a indicação da plan-

ta depende do diagnóstico médico. “É preciso ver qual o tipo de câncer, em que fase ele está e qual o tratamento que está sendo feito”, orienta.

Por exemplo, para os pacientes com câncer de próstata é indicada a Sabal serrulata (popularmente conhecida como san palmetto). Já o pau d'arco (“o ipê roxo, que é o estudo pioneiro do doutor Walter Accorsi”, lembra Carla) é recomendado para casos de câncer de mama.

“Para cada tipo de câncer, fazemos a orientação fitoterápica, para atuação em conjunto junto com a prescrição do médico. O que fazemos é o estudo do medicamento prescrito, para saber se não há interação com os fitoterápicos. Existem medicamentos que não podem ser utilizados porque a planta potencializa a ação do medicamento. Outros, não podem ser usados simultaneamente à quimioterapia”, exemplifica.